

Entrevista



Gustavo Piqueira

Designer e escritor

Autor do livro “Seu Azul”, que busca colocar no mesmo patamar texto e imagem, a partir do diálogo entre literatura e design, Piqueira comenta sobre o processo criativo em torno do seu novo título. Ele conta que o interesse em propor uma reflexão sobre a fragilidade das relações contemporâneas o motivou a narrar a luta de um casal contra a monotonia.



RENATA CASTELO BRANCO/DIVULGAÇÃO

Nada além de superficialidades

■ CARLOS ANDREI SIQUARA

Seu novo livro “Seu Azul” traz algumas características semelhantes a projetos anteriores, como, por exemplo, a preocupação em conceber um narrativa que dialoga também com o design do objeto? Esse eu acho que é o meu livro mais experimental. Quando comecei a escrever, há alguns anos, eu escondi do meu lado designer. Mas chegou uma hora em que eu decidi fazer uma pausa nesse aspecto e, depois disso, resolvi praticar o contrário. Nos livros eu tento encontrar possíveis relações entre texto e imagem – algo como fiz, por exemplo, em “Iconografia Paulista”, lançado no ano passado. Nesse, eu reúno fotografias de São Paulo com textos ficcionais. O interessante é pensar na possibilidade de juntos, o texto e o design, construírem a narrativa. Isso de alguma forma é algo mais recente no meu trabalho e está bastante relacionado com os meus quatro últimos livros. É curioso que algumas pessoas gostam e acham interessante essa proposta. Já outras preferem o livro mais convencional, no qual o mais importante é apenas o texto. Para essas o resto é adereço.

Como “Seu Azul” se afasta dos livros tradicionais? Nesse, como nos anteriores, eu experimentei a combinação de diferentes elementos que compõem um livro. No caso de “Seu Azul”, o ponto central é o fato de a história não ter um narrador. Então, eu

busquei uma estrutura que viabilizasse isso. No caso desse projeto, a parte gráfica é quem ocupa o papel de narrador. Dessa forma, alguns aspectos da diagramação, por exemplo, servem como fio condutor, dando o tom daquilo que está acontecendo. Tanto a parte gráfica quando as ilustrações que o filho dos personagens apresenta contribuem para isso. Minha ideia foi permitir que o texto estivesse de certa forma esvaziado, inclusive no sentido de ritmo. Ele não conduz a uma evolução da narrativa até porque os seus personagens são pessoas que não chegam a lugar nenhum, e isso também é intencional, porém o artifício incomodou algumas pessoas. Ou seja, no fim eu deleguei funções que são do texto para a parte visual.

Você considera que este projeto é o que mais radicaliza essa dimensão visual dos seus trabalhos? O meu penúltimo livro, por exemplo, “Clichês Brasileiros” é todo feito com antigos clichês tipográficos e tinha uma narrativa que era só visual. Em “Iconografia Paulista” há as fotografias e os textos, mas em alguns momentos as primeiras prevalecem. Em “Seu Azul”, essas questões de texto e imagem e as funções relegadas a cada uma delas estão pulverizadas. Mas realmente o aspecto visual é muito forte. O que incomodou algumas pessoas é justamente essa fronteira ambígua em que o livro se encontra.

Você relata esse incômodo que as pessoas sentem ao interagir com o livro, desde a

textura da capa com areia aplicada com cola. Era essa justamente a intenção? Eu acho que a areia tem muito a ver com essa proposta de gerar um desconforto sim e torna também o livro um entidade meio viva, porque cada vez que você o manipula sempre cai um pouquinho do grão. Outra coisa é que dentro do livro estão incluídas algumas peças gráficas que lembram anúncios. Eles entram ali como uma outra narrativa. O livro é assim, tem diversas portas de entrada. Ele não é algo que você termina de ler e fala, ‘que legal’, pois a história não tem uma estrutura narrativa convencional. Ele também busca propor mais do que uma experiência de entretenimento. Não há ali também uma saída ou uma conclusão, me interessa o percurso. Se as pessoas conseguirem identificar um pouco aquelas relações protagonizadas pelo casal, pois elas estão muito próximas da realidade de cada um, acho que já será um passo interessante.

Em “Seu Azul”, há um homem e uma mulher que se relacionam, mas estão tentando sair da monotonia. Um artifício que eles tentam é provocar conversas a partir de manchetes colhidas de sites de notícias. É quando o leitor também se depara com o absurdo da falta de sentido. O que o motivou a focar essa dificuldade de travar diálogo entre os dois? Uma das primeiras questões que surge como tema ali é o vazio geral na vida daquelas pessoas. Então, a própria estrutura do livro reflete um pouco isso. Quando se chega no

“É essa ambiguidade entre a quantidade e a qualidade das conversas travadas pelos dois que se coloca também ali”

“Há uma sensação de que os dois estão ligados em tudo, mas na verdade é nítido que ninguém ali está conectado em nada”

fim parece que não aconteceu nada, mas o efeito é justamente esse, pois as personagens refletem uma experiência de vida que não passa das superficialidades. A ideia de usar as manchetes que encontrei em alguns portais de notícias me veio quando eu mesmo estranhei o título de uma matéria. O texto propunha ensinar as pessoas a aplicarem na vida algumas lições que poderiam ser aprendidas com o Batman. Eu achei aquilo muito louco porque o Batman é apenas um personagem de ficção, ele não se propõe a servir de outra referência além disso. Encontrei outras manchetes nessa mesma linha e comecei a pensar um pouco nessa superficialidade da vida cotidiana. Pensei também no quanto todo mundo hoje emite uma opinião sobre tudo no Facebook, mesmo sem ter algum conteúdo interessante para compartilhar. É essa ambiguidade entre a quantidade e a qualidade das conversas que se coloca também ali.

Como você desenhou essas personagens? Eu tentei me aproximar de pessoas que poderíamos encontrar facilmente no dia a dia. O marido tende para um lado mais tradicional, meio machista, enquanto a mulher é mais moderninha. No entanto, eles são péssimos em lidar com os próprios sentimentos. Não conseguem aprofundar em nenhum tema, e embora se esforcem para falar sobre morte, sonho, felicidade, falham na tentativa de avançar nessa discussão. Quando eles trocam essas informações, há uma sensa-

ção de que os dois estão ligados em tudo, mas na verdade é nítido que ninguém ali está conectado em nada. Há uma fragilidade de lidar com o outro e no livro fica evidente a predominância de um tipo de relação que é aquela em que todo mundo parece ser cliente. Não vai muito além disso.

Alysson, o filho do casal, se torna presente por meio dos desenhos. Que papel essa ilustrações também cumprem? Alysson mostra o outro lado daquele mundo de aparência. Ele lança uma outra perspectiva sobre o que vê e imagina aquilo tudo como um peso. Ele cumpre um pouco essa função de frear a narrativa. Se até o momento o leitor achou tudo muito engraçadinho, ele faz questão de dizer por meio dos desenhos que aquilo tudo é horrível. Ele dá um peso maior àquela atmosfera. Os traçados produzidos também pela criança são interessantes porque é algo que não tem limite, então facilmente pode levar a uma imagem um tanto absurda. O garoto constata a ausência completa de laços reais naquele contexto.

Você pretende continuar com esses projetos que articulam literatura e design? Eu acho que sim. A relação entre as duas coisas torna o meu processo criativo mais rico. Eu posso, às vezes, tanto começar pelo texto quanto pela imagem. São caminhos diferentes, mas aos poucos vejo nessa interseção a linha que mais tem me interessado.